

Como se faz um teresinense, por Iury Campelo

Neste texto o jornalista Iury Campelo fala sobre Teresina e sua vivência na cidade.



THE AMO (Foto:Francisco Gilásio)

Num livro antigo meu irmão leu o nome de um velho capitão do Conselho Imperial, meu tataravô, que de tanto arrastar tropas e baús cravou na Praça Saraiva um perfume barato de limbo que talvez tenha contaminado de tristeza aquele paço. E todas as vezes que lá me cismo em cigarros e cinismo olho o lobo de bronze nos olhos do Conselheiro que erigiu uma cidade por simples paixão desiludida a uma imperatriz que jamais seria sua.

Conselheiro que me lembra a memória de minha raiz, desde os operários da carnaúba que morreram nas casas de palha queimadas na rua Santa Luzia, onde meu tio-avô foi álibi do fogo, há um punhado de décadas.

Se me não impede a história contada pelo

cordel da família, também me detenho pelas ruas do Centro nos olhares da minha avó, dona Zuzu. Carregando caderninhos finos, avexada para as aulas na Escola Normal, ela dizia uma Praça da Bandeira cheia de bichos fantásticos, e pavões aplumando o calor da tarde até o anoitecer, que começava em Flores de Timon, e atravessava o Rio tangendo barcos e gentes.

Gente que de toda parte se cravou aqui, nesse solo quase santo que se fez capital. Gente de todos os lugares que na travessia mesopotâmica ficou entre o Poty e o Parnaíba - rio que aquaplanou Getúlio Vargas, descendo num bimotor em viagem ao Piauí. E nestes inusitados vagões do destino lembro de não mais saber do paradeiro dum outro tio-avô que saiu de mãos

dadas com o presidente para chegar à marcha estudantil e escutar melodia da banda militar em frente à Igreja do Amparo. O mesmo tio-avô conscrito no quartel que perambulava pela cidade uma vez ao mês para desamparar a juventude nas casas de tolerância da Paissandu e do Barroão.

Nesse passeio, sobretudo, tenho minhas próprias paisagens. Todas as vezes que lavo o ócio pelo Centro lembro de mim no dia em que fui assistir à sessão das quatro no Rex lá onde fui apresentado ao cinema. Rex, que era irmão caçula do Theatro 4 de Setembro, e teve notável contribuição a minha pessoa porque inspirava os beijos de Dona Domitília e Seu Antônio, meus pais. Vinham do Liceu, onde estudavam, cruzando os romances de linha do tempo nos quais se teceram antigas gerações até naufragarem em mim, levadas pelas marés de

histórias, espaços e cenas.

Várias das marés guardo com fascinação. O esplendor da manhã em que estive diante da Barca do Sal; a primeira procissão do Senhor Morto no colo do meu avô, no dia que conheci a Igreja Matriz; e os passeios de barco pelo cais do Parnaíba, no Rio de minha aldeia que cansei de atravessar. Degusto cada pedaço de Teresina com um carinho infantil e ensimesmado. É um mundo encantado e inaudito, forjado pelas gentes, todas teresinenses como eu.

Enfim, se me falta o escudo da modéstia, acrescento que ser teresinense, de espírito e espécie, mais que óbvio e raro, é ter dentro de si um poço sem fim de saudade e orgulho.



Histórias
de um novo
Piauí



Ampliação do Ronda Cidadão: a tranquilidade veio morar na vizinhança.

Wlameo é policial do Ronda Cidadão, em Teresina. Com a presença constante de agentes como ele, a criminalidade caiu em mais de 50% nas regiões atendidas. Isso tem contribuído para que o Piauí seja o Estado com o menor índice de violência do Nordeste. Está dando tão certo, que o Governo do Estado vai expandir o programa para outras cidades. A segurança veio para ficar.



Wlameo Pinheiro - Ronda Cidadão

É ASSIM QUE SE FAZ
MAIS SEGURANÇA

